

VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



REFLEXÕES DA CRISE GERAL DO CAPITALISMO

Professor Dr. Zeno Soares Crocetti
Universidade Federal de Alagoas/Sertão
geogrocetti@gmail.com

“Educação hoje é a habilidade de perceber as conexões ocultas entre os fenômenos”.
RAVEL, Václav – escritor e estadista Tcheco.

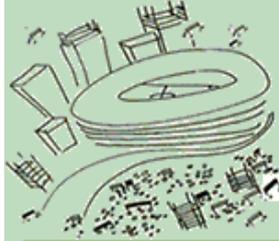
INTRODUÇÃO

Esse trabalho consubstancia o resultado da terceira etapa dos estudos, iniciado a mais de 20 anos, que a primeira fase da pesquisa, eu apresentei em minha dissertação de mestrado. Uma segunda fase da pesquisa foi sistematizada em vários artigos e ensaios já publicados. Essa terceira fase ainda em fase inicial, objetiva apresentar nossa trajetória dentro da linha de pesquisa, bem como mostrar nosso percurso dentro do referencial teórico metodológico na busca de uma análise, que possibilite uma interpretação do objeto da pesquisa, ou seja, analisar e interpretar a atual fase do capitalismo na sua transformação e estruturação do território.

Pretendo levantar dúvidas, problemas e questões, em busca de um processo investigativo sobre as relações da dimensão espacial/territorial do sistema capitalista financeiro, em seu desenvolvimento econômico, síntese das múltiplas determinações.

O desenvolvimento, como processo multifacetado de intensa transformação estrutural, resultado de múltiplas e complexas determinações, interações e combinações que buscam o alargamento do horizonte de possibilidades de determinada sociedade.

Esse processo necessariamente deve promover a ativação de recursos materiais e simbólicos e a mobilização de sujeitos sociais e políticos, buscando ampliar o campo de ação da coletividade, aumentando sua autodeterminação e liberdade de decisão. A dimensão da Formação Sócio Espacial proposta por Milton Santos em escala macro e trabalhada por ArmenMamigonian, em seu aspecto local e regional estarão incorporada



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



nos estudos e análises realizadas, bem como um esforço teórico e metodológico para fazer a interpretação dos Ciclos Econômicos de Acumulação do Capital.

Os *Ciclos de Acumulação Capitalista*, que interpretam o desenvolvimento econômico do capitalismo, que se dão através de flutuações das atividades econômicas, pensado originalmente por Marx, nas suas formulações sobre a queda da taxa de lucro, e explicação sobre a Crise Geral do Capitalismo. E diagnosticado no seu caráter cíclico por Kondratieff, nos ciclos longos. E reinterpretados por Schumpeter, na sua tese da destruição criativa, impulsionada pela novíssima tecnologia.

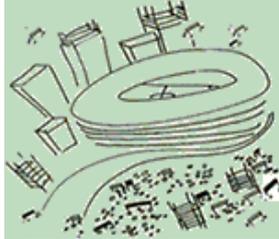
À medida que o século XXI segue em frente percebem-se duas questões que terão fortes impactos sobre o bem-estar e a forma de vida da humanidade. Ambas têm a ver com as redes e envolvem tecnologias radicalmente novas. Uma delas é a ascensão do capitalismo global; a outra é a criação de comunidades sustentáveis baseadas na prática de uma perspectiva ecológica.

Durante as últimas três décadas a revolução da tecnologia da informação fez surgir um novo tipo de capitalismo, sua fase superior o imperialismo, que é profundamente diferente daquele da revolução industrial ou daquele que emergiu após a segunda guerra mundial.

Essa nova fase do capitalismo tem três características fundamentais. O centro de suas atividades econômicas é *global*, a principal fonte da sua produtividade e competitividade é a *inovação*, geração de conhecimento e processamento de informação e está estruturado amplamente em *redes* de fluxo financeiro. Este novo capitalismo global foi divulgado como nova economia ou neoliberalismo, que teve suas estruturas abaladas com as sucessivas crises, fruto de inúmeras manipulações causando uma profunda ruptura moral, que desencadeou no mundo movimentos sociais que buscam uma nova reestruturação social e moral do mundo.

1.A INTERPRETAÇÃO DA CRISE

No Brasil como nos EUA e mundo afora centenas são os intelectuais, gênios de última hora a fazer suas reflexões e deixar suas opiniões sobre a atual crise financeira, alguns lúcidos e esclarecedores das circunstâncias, outros nem tanto, se comportam como soldados ideológicos obedientes a defender o Sistema Capitalista Internacional. É



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



o Estado o único culpado pela Crise Geral do Capitalismo atual, nas palavras de Hélio Beltrão no Brasil e republicanos de direita nos EUA, nas citações a seguir;

“É muito difícil afirmar que a desregulamentação tenha causado a crise nos EUA, pois o setor financeiro é o mais regulamentado e estatizado de todos. O Banco Central (FED) tem o controle dos juros da economia como um todo. (...) A Crise foi gerada pelo tamanho da máquina do governo estadunidense, e pelo excesso de impostos e regulamentação do sistema econômico nos Estados Unidos. Para sair dessa crise os EUA precisam reduzir o tamanho do governo, com a diminuição das regulamentações sobre a economia, algo que faria com que os EUA voltassem a crescer de forma sustentável. Isto é, precisariam arrumar uma forma de pagar as dívidas que o governo tem, e que só fazem aumentar. O endividamento estadunidense, só no governo Obama, duplicou em relação a todo endividamento de toda a história dos Estados Unidos: começou com US\$ 6,5 trilhões de endividamento e hoje (2012) já está em cerca de US\$ 13 trilhões”.

Hélio **Beltrão**, Instituto Millenium em 01/03/2012.

Proclamando numa sonora e orquestrada retórica global, que todos os malefícios do mundo capitalista são resultado das intervenções dos Estados nos mercados internacionais pela regulamentação, e num discurso de pensamento único defendem como solução final, o fim do Estado do Bem Estar Social.

O Sistema não pode ser Regulamentado é contra o principio da Livre Iniciativa!

Agora, muitos republicanos chegaram à conclusão de que o modelo de Estado do bem-estar social se encontra à beira da morte. Yuval Levin expressou perfeitamente esta convicção em um ensaio definitivo para The Weekly Standard, intitulado Nossa Era da Ansiedade (Our Age of Anxiety): "Temos a percepção de que a ordem econômica que conhecemos na segunda metade do século 20 provavelmente nunca mais voltará - que ingressamos numa nova era para a qual não estamos preparados (...). Ao contrário, estamos à beira do colapso fiscal e institucional do nosso Estado do bem-estar social, que ameaça não apenas o futuro das finanças públicas, mas também o futuro do capitalismo estadunidense".

David **BROOKS**, O que pensam os republicanos, O Estado de S. Paulo, 19/06/2012.

Nos EUA, assim como na Europa, afirmam os republicanos, o Estado do bem-estar social não oferece segurança nem dinamismo. A rede de segurança é tão dispendiosa que deixará de existir para as próximas gerações. Ao mesmo tempo, o atual modelo transfere recursos dos setores inovadores da economia para setores estatais já inchados, como a saúde e a educação. Sucessivos presidentes foram acumulando regulamentações e brechas na lei, criando uma forma de *capitalismo de Estado*.

O professor e economista estadunidense Walter **WILLIAMS**, em entrevista ao programa *Milênio*, do Globo News, fez a seguinte análise:



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

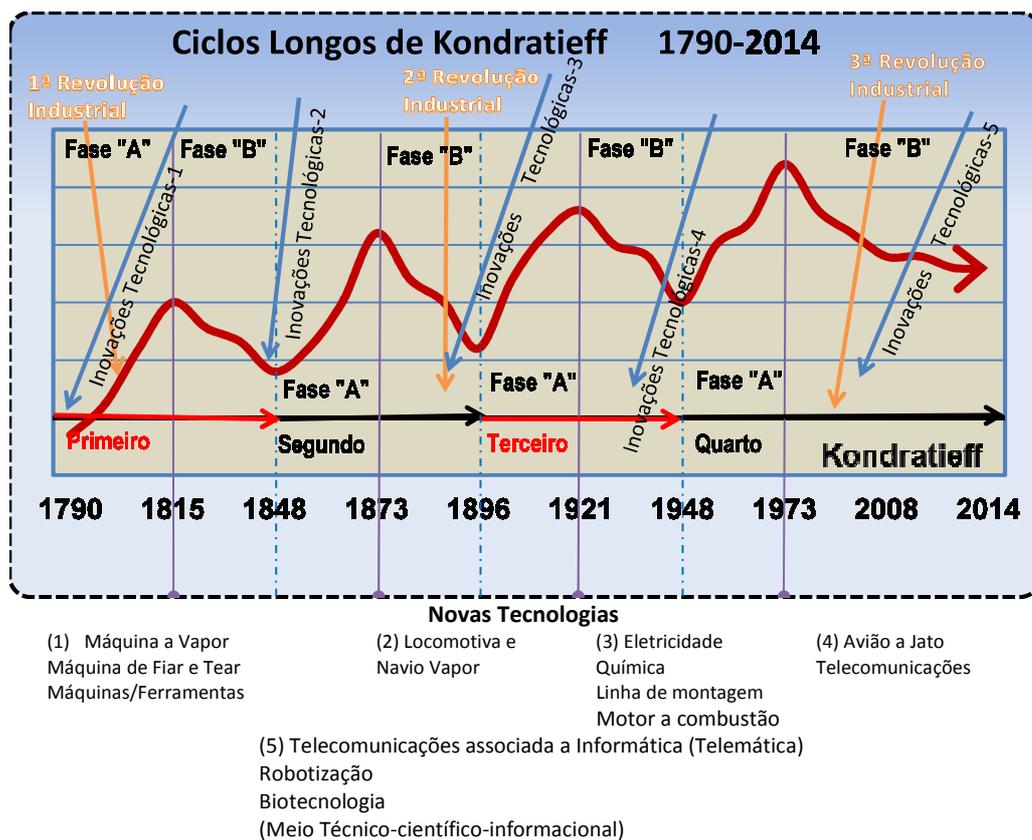
10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



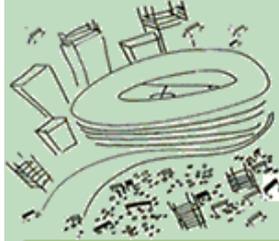
“Mas isto (a crise) foi causado pelo governo, pela Fannie Mae, Freddie Mac e outros, e pelas regulamentações do governo estadunidense, que obrigam os bancos a concederem empréstimos a quem eles não concederiam de outra maneira. Foi a chamada Lei de Reinvestimento Comunitário que possibilitou aos pobres comprarem casa própria. Obrigaram os bancos a fazer empréstimos. (...) Eles disseram aos bancos: ‘Se quiser abrir outra agência, tem que nos mostrar que concedeu empréstimos a pobres, negros ou minorias’. E fizeram chantagem com os bancos. (...) Foi causada (a crise) pelo governo.”

Para interpretar esse quebra cabeças, vamos partir, por exemplo, dos cíclicos de média duração, ou aqueles de tendências estruturais de longa duração. A economia-mundo capitalista teve, durante vários séculos, formas de vai-e-vem cíclico. O que iremos usar são os chamados ciclos de Kondratieff, que historicamente teriam uma duração de 50-60 anos aproximadamente. Conforme figura a seguir.



Fonte: Elaboração Crocetti 2014.

Obs. A linha do gráfico Kondratieff foi construída pelas médias trienais do crescimento econômico mundial, com base nos gráficos do Banco Mundial 2011 e das tabelas de Mamigonian: 1987 p. 63-71 e Rangel: 1990 p. 33-35.



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



Marx ao analisar as crises do capitalismo dos séculos XVIII e XIX, além de fatores conjunturais, formulou a tese da queda da taxa de lucro, como um fator determinante, em suas reflexões;

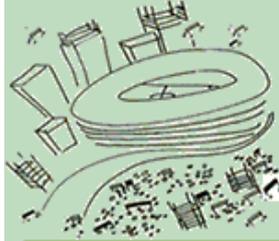
Queda da taxa de lucro e acumulação acelerada são, nessa medida, apenas expressões diferentes do mesmo processo, já que ambas representam o desenvolvimento da força produtiva. A acumulação, por sua vez, acelera a queda da taxa de lucro, à medida que com ela está dada a concentração dos trabalhos em larga escala e, com isso, uma composição mais elevada do capital. Por outro lado, a queda da taxa de lucro acelera novamente a concentração de capital e sua centralização (...) (Marx, 1988; L. III. t. 1, p. 183).

De acordo com a formulação de Kondratieff cada ciclo tem uma fase de ascensão e declínio. A dinâmica interna dos ciclos (chamado de ciclo de Kondratieff depois dos estudos dele) é baseada no princípio de flutuações, no mecanismo de acumulação, concentração, dispersão e desvalorização do capital como um fator chave para o desenvolvimento do mercado capitalista da economia.

Além disso, sua interpretação do desenvolvimento da crise do capitalismo indicou que essa regularidade cíclica vai existir enquanto o modo de produção capitalista persistir. *"Cada nova fase do ciclo é pré-determinado com acúmulo de fatores da fase anterior, e cada novo ciclo está seguindo o precedente tão naturalmente como uma fase de cada ciclo após o outro. No entanto, ele tem que ser entendido separadamente, pois cada novo ciclo surge com especiais e novas condições históricas, e se desenvolve num novo nível das forças produtivas e, portanto, não é uma simples repetição do ciclo anterior"*. Portanto não se trata de uma repetição simples de uma crise anterior, como muitos pesquisadores vêm repetindo, mas, de novas condições históricas que o processo capitalista criou. (KONDRATIEFF, 2010; p.12-17).

2. UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL?

Uma das crenças do neoliberalismo é que os países pobres deveriam concentrar na produção de um pequeno e especial grupo de mercadorias para exportação com intuito de obter capital estrangeiro e deveriam importar grande parte das demais commodities. Esta ênfase na exportação levou a periferia do sistema uma crise econômica e social no final do século XX, sua reestruturação iniciou um novo período



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



histórico, o que Milton Santos denominou junto com sua parceira teórica professora Maria Adélia de Período Popular da História.

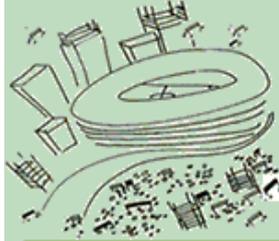
Esse Período Popular da História teve início no Continente Americano, primeiro nos EUA e Canadá, depois na Argentina, Venezuela, Brasil, Chile, Equador, Bolívia, Uruguai e Paraguai e depois se deslocou para o Mundo Árabe, com a chamada primavera Árabe, que varreu vários tiranos tutelados pelos EUA. Teve um eco na Europa com a crise financeira que se estabeleceu pós-crise de credibilidade com os papéis de hipotecas imobiliárias, principalmente na Grécia, Espanha, Portugal, Islândia, Reino Unido, Itália, e outros países.

“(...) não há satisfação para todos. Não é que a produção necessária seja globalmente impossível. Mas o que é produzido – necessária ou desnecessariamente – é desigualmente distribuído. Daí a sensação e, depois, a consciência da escassez: aquilo que me falta a mim, mas que o outro mais bem situado na sociedade possui.”(SANTOS, 2001: p. 107.)

O centro do capitalismo começou a ruir, explodiram movimentos sociais, como Ocupem Wall Street, entre outros, esse tipo de protesto também se espalhou na Turquia, Iêmen e outros países, chegando finalmente com um caráter político partidário e desvirtuado e manipulado ao Brasil em junho de 2013, onde a direita predatória aliada a Elite entreguista brasileira se juntou com a mídia de aluguel e se apropriaram parcialmente dos movimentos sociais.

Aliado a crise do capitalismo, sucedem a um rápido esgotamento dos recursos naturais necessários para produzir safras a serem exportado país após país – o desvio de água fresca para interior de fazendas; o foco sobre agricultura de consumo intensivo de água, tal como cana-de-açúcar, resulta em leitos de rios secos, a conversão de terra agricultável de boa qualidade em plantações de safra para fazer dinheiro, e a migração forçada de um grande número de agricultores de suas terras. Por todo mundo há incontáveis exemplos de como a globalização econômica está piorando a destruição ambiental.

Desde que o valor dominante no capitalismo global é ganhar dinheiro, seus representantes procuram eliminar legislações ambientais valendo-se da bandeira do livre comércio onde quer que possam, a não ser que estas legislações não interfiram com seus lucros. Assim, a nova economia causa destruição ambiental não somente aumentando o impacto das suas operações sobre os ecossistemas do mundo, mas também eliminando



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



leis de proteção ambiental nacional país após país. Em outras palavras, a destruição ambiental não é apenas um efeito colateral, mas é também uma parte intestinal do capitalismo global.

Nos últimos anos o impacto ecológico e social da globalização tem sido discutido amplamente por pensadores e líderes comunitários. Suas análises mostram que a nova economia está produzindo uma diversidade de consequências danosas interconectadas – aumento da desigualdade e exclusão social, destruição da democracia, deterioração rápida e ostensiva do ambiente natural, aumento da pobreza e alienação. O novo capitalismo global tem ameaçado e destruído comunidades locais em volta do mundo e com a ajuda de uma biotecnologia mal concebida, tem invadido a santidade da vida tentando transformar diversidade em monocultura, ecologia em engenharia, e vida em commodities. Tem se tornado extremamente claro que o capitalismo global na sua presente forma é insustentável e precisa ser fundamentalmente redesenhado.

Na virada do Século XX, ocorreu uma impressionante coalizão global de ONGs formadas em volta de dois valores centrais - dignidade humana e sustentabilidade ecológica. Em 1999, centenas destas organizações de base conectaram-se eletronicamente por vários meses para preparar ações de protestos em conjunto para o encontro da OMC em Seattle, a chamada rodada do Milênio, cujo objetivo era aprovar o AMI (Acordo Multilateral de Investimentos).

Conhecida como “Coalizão Seattle” esse Movimento Social teve grande sucesso em perturbar o encontro da OMC e fazer com que sua visão ficasse conhecida no mundo. Também teve igual sucesso em perturbar várias conversações comerciais que sucederam Seattle. Suas ações em concertos, baseadas em estratégias de rede, têm permanentemente alterado o clima político em volta das questões da chamada globalização econômica.

Desde a coalizão Seattle – ou “movimento por justiça global”, como é chamado agora – possibilitou a Criação do Fórum social Mundial, cujo lema é, “Um Outro Mundo é Possível”, tem não apenas organizado protestos posteriores, mas também propiciou três Fóruns Sociais Mundiais em Porto Alegre e que seguiu para Índia, África e retornou ao Brasil.

“As diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares. (...) A localização dos homens, das coisas no espaço explica-se tanto por necessidades ‘externas’, quanto por necessidades



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



'internas'. (...) As relações entre espaço e formação social são de outra ordem (...). Os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço.' (Milton Santos, 2011; p. 28-29).

Nestes encontros, as ONGs propuseram um conjunto completo de políticas comerciais alternativas, incluindo propostas concretas e radicais para reestruturar as instituições financeiras globais, as quais mudariam profundamente a natureza da globalização.

3. SUSTENTABILIDADE, DESENVOLVIMENTO DO MUNDO E HUMANIZAÇÃO.

O conceito de sustentabilidade foi introduzido no início dos anos 80 por Lestern Brown, fundador do WorldwatchInstitute, que definiu uma sociedade sustentável como aquela que seja capaz de satisfazer suas necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras. Muitos anos depois, o relatório da Comissão Mundial Sobre o Desenvolvimento e o Meio Ambiente, conhecido como *BrundtlandReport*, usou a mesma definição para apresentar a noção de desenvolvimento sustentável:

“A humanidade tem a habilidade de atingir o desenvolvimento sustentável, de satisfazer suas necessidades presentes sem comprometer a habilidade das gerações futuras em satisfazer suas próprias necessidades.”

O conceito de desenvolvimento, como é aplicado hoje, tem dois significados.

1) Para os biólogos desenvolvimento é uma característica fundamental para toda a vida.

Sistemas vivos – organismos, ecossistemas ou sistemas sociais – desenvolvem-se, crescem, amadurecem e criam novas formas e novos padrões de comportamento. Nos ecossistemas esta é a fase inicial, caracterizada pela expansão rápida e pela colonização do território. Este rápido crescimento é sempre seguido por um crescimento mais lento, pela maturação, e, finalmente, pelo declínio e decadência ou, nos ecossistemas, chamado de sucessão.

2) O segundo significado do desenvolvimento é aquele usado por economistas e políticos, e é muito diferente. A primeira coisa que percebemos é o diferente uso gramatical do verbo “desenvolver”. Nas ciências da vida é usado como um verbo intransitivo: todos os sistemas vivos desenvolvem-se; organismos vivos desenvolvem se; pessoas desenvolvem-se. Há um senso de desdobramento, de percepção do nosso potencial.



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



Economistas, por contraste, usam o verbo “desenvolver” como verbo “transitivo”: “pessoas desenvolvem as coisas”. Há uma categoria completa de pessoas de negócios que se proclamam desenvolvedores e saem por aí desenvolvendo coisas. Desenvolvem propriedades - sítios, terras, edifícios, etc.

O conceito de Southern – terceiro-mundista - ou desenvolvimento do terceiro mundo apoia-se inconsistentemente entre esses dois significados.

- Primeiro, é um conceito muito recente. Antes da segunda guerra mundial, ninguém teria pensado em desenvolvimento como uma categoria econômica. As pessoas sairiam e “desenvolveriam o terceiro mundo” sem qualquer percepção das relações de poder que estão envolvidas nesta sentença, as quais mostram a mais extraordinária falta de respeito.

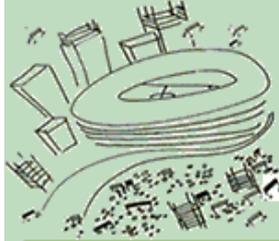
Pessoas com poder saindo por aí, para desenvolver outras pessoas.

O outro fenômeno extraordinário é a categorização do mundo inteiro numa única dimensão. Países e pessoas são “desenvolvidos” ou eles estão “se desenvolvendo” ou eles são “subdesenvolvidos”. É exatamente como a tabela de uma liga de basquetebol, com os países ricos figurando em primeiro, e antes de todos os Estados Unidos, no topo, e os países pobres no final. Não é de espantar que 25% das crianças estadunidenses agora vivem abaixo da linha de pobreza; que os EUA gastam mais em prisão do que em educação superior, e que é o único país industrial que tem a pena de morte.

Quando nós olhamos detalhadamente para o conceito de desenvolvimento econômico, podemos observar três características básicas:

1. Desenvolvimento é um conceito nortista. A tabela da liga – “desenvolvido /em desenvolvimento / subdesenvolvido” - está arquitetado conforme um critério nortista. Os países que são desenvolvidos são aqueles que adotaram o estilo de vida industrial do norte. Assim, desenvolvimento é um conceito profundamente monocultural. Ser um país em desenvolvimento significa obter sucesso nas suas aspirações de se tornar como os do Norte.

2. Desenvolvimento significa desenvolvimento econômico. Não há outras aspirações sociais ou valores culturais permitidos a entrar no caminho deste desenvolvimento. Se puder coexistir com o desenvolvimento, OK; se não puderem, serão varridos.



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



3. O desenvolvimento econômico é um processo de cima para baixo, descendente. Decisão e controle encontram-se firmemente nas mãos dos especialistas, administradores do capital internacional, burocratas de governos, do banco mundial, do FMI, etc.

Em resumo, existem três características do desenvolvimento na forma como é correntemente representada no palco mundial: é nortista, puramente econômico e descendente.

Humanizar o desenvolvimento do mundo significa a introdução de valores da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica para dentro do processo de desenvolvimento. Isto é o que os líderes da sociedade civil global têm proposto no Fórum Social Mundial. A visão alternativa proposta por esta sociedade civil, ou movimento de justiça global, vê o desenvolvimento como um processo criativo, característico de toda vida, um processo de aumento de capacitação onde a coisa mais importante que se precisa fazer é exercer controle sobre os recursos locais.

Nesta visão, o processo de desenvolvimento não é puramente um processo econômico. É também um processo social, ecológico e ético – um processo multidimensional e sistêmico. Os atores primários do desenvolvimento são instituições da sociedade civil, baseadas em parentescos, na vizinhança ou em interesses comuns.

Porque as pessoas são diferentes e os lugares onde vivem são diferentes, nós podemos esperar que o desenvolvimento pudesse produzir diversidade cultural de todos os tipos. O processo por onde isso ocorrerá será muito diferente do atual sistema de comércio global. Será baseado na mobilização de recursos locais para satisfazer necessidades locais e será alimentado pela dignidade humana e pela sustentabilidade ecológica.

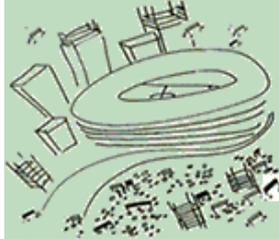
Referências

AMIM, S. O desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

ANDERSON, P. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, E. & GENTILE, P. (org.). Pós-neoliberalismo I: As políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. P. 09-23.

BENKO, G. Organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX. In: SANTOS, Milton et. all (org.). Território globalização e Fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1995. P. 51-71.

CAPRA, F A Teia da Vida. São Paulo: Cultrix, 2006.



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



CAPRA, F. As Conexões Ocultas. São Paulo: Cultrix, 2008.

CHOLLEY, A. (1948) Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. Rio de Janeiro: BG/CNG/IBGE, 1964. BG n.º 179 e 180.

CROCETTI, Z. S. Geografia do Neoliberalismo. Anais do 1º ENSULGEO. Curitiba: AGB/Curitiba, 2003.

CROCETTI, Z. S. Geografia e Poder: A dialética do território. In: Geografia e interfaces de conhecimento debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente. Londrina: EDUEL, 2011, p. 229-252.

HARVEY, D. O Enigma do Capital. São Paulo: Boi Tempo, 2011.

JOHNSON, Chalmers. As Aflições do Império. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KLEIN, N. A Doutrina do Choque. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MAMIGONIAN, A. Ciclos Econômicos e Organização do Espaço. Florianópolis: EDUFSC, 1998.

MARX, K. O Capital, Volume I, II e III. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 3ª edição.

PERKINS, J. Confissões de um assassino econômico. São Paulo: Cultrix, 2005.

RANGEL, I. M. A História da Dualidade Brasileira. Revista de Economia Política, São Paulo, 1(4):5-34, jan.-mar., 1981.

RANGEL, I. M. Ciclo, tecnologia e crescimento. Rio de Janeiro: Civilização, 1982.

SANTOS, M. Por Uma Outra Globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000, 79-116.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record; 2001.

SCHUMPETER, J. A. Teoria do Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SMICK, D. M. O Mundo é Curvo. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.

SOROS, G. O Novo Paradigma Para os Mercados Financeiros. São Paulo: Agir, 2008.

WHEEN, F. Como a Picaretagem Conquistou o Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2007.